



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

## SUICIDIO MODERNO



O desesperado :  
«Ou tu correspondes ao meu amor, ou eu me suicido, comendo 250 gramas de pão de tipo unico!»



## PALESTRA AMENA

## O sêlo

Que as finanças precisam de se indiar, verdade é essa que ninguém contesta, e que um dos modos de as pôr a direito é aumentar as contribuições, também nos parece verdade sabida, sem necessidade de mais provas. Posto isto, somos a dizer que um d'estes dias tivemos necessidade de recorrer a um conceituado restaurante da capital para jantarmos, o que fizemos mediocrementemente agradados dos acepipes e muito menos da importância dos ex.<sup>mos</sup> criados, servindo-nos com ares de príncipes russos — quando na Rússia os príncipes tinham consideração — demandando-se meia hora entre prato a prato, não agradecendo a gorjeta, antes recebendo-a com olhares de desprezo e de irritação, porque, depois d'um exame á nossa pobre carteira de modestos literatos, reconhecemos que não poderíamos dar mais de dez por cento da despeza, pelo extenuante trabalho que suas ex.<sup>as</sup> haviam tido connosco.

Tomado o cafésinho, pela modica quantia de 16 centavos, o que não nos pareceu demasiado, atendendo a que ninguém nos mandou ser tolos, café que foi o ponto final d'alguns ingredientes no valor de 3 escudos, o ex.<sup>mo</sup> funcionario que se dignou servir-nos trouxe-nos a conta, competentemente selada, isto é, com um selo de 6 centavos, no qual estava aposta, a vermelho, a palavra *Assistencia* e onde a data ficara em branco.

O leitor extranharia o facto da data em branco, pensando que os sêlos ainda poderiam ser aproveitados, mediante uma simples descolagem pela imersão em agua? Pois nós não ficámos, embora pelo sim, pelo não, não deixassemos o recibo sobre a mesa e o guardassemos como recordação. Mas se o leitor extranhasse que na conta o homensinho tivesse escrito a parcela de 8 centavos de sêlo, quando este fora de 6, então acompanha-lo-íamos na extraneza, conforme estamos fazendo n'este momento, com o recibo á vista e satisfeitiísimos porque ele nos deu assunto para a crónica.

E é isto, caros amigos. D'esta vez foi um engano, já se sabe e poderíamos perfeitamente ter dado oportunamente por ele, que seria remediado sem demora. Mas estes enganões são já a regra geral, não por má fé, mas porque se não dá importância alguma ao dinheiro, tão alheados andamos da ideia do valor, do preço e d'outras manigancias com que nos entretiveram na mocidade os professores de Economia Política.

E, para findar, mais uma leve observação: quem dispende o sêlo dos recibos á quem paga ou quem recebe? Temos uma ligeira ideia de que, d'antes, era quem pagava. Agora não; quem faz a despeza paga o sêlo e não bufa, menos nós, que bufamos, como se vê, visto que não podemos desabafar d'outra maneira.—*J. Neutral.*

## Para uns abre o ceu...

Lembram-se dos versos do nosso saudoso Tomaz Ribeiro?

*Para uns abre o ceu manhã de flôres  
Meio dia d'encantos e doçuras...*

...ou coisa parecida. E para outros o ceu é negro e tempestuoso, o que tudo vem a pêlo dos senhores deputados e senadores comerem, nos intervalos de suas substanciosas locubrações, o belo do pãozinho alvo com manteiga enquanto que nós cá, os miseros, digerimos (ou não digerimos) a negra mixórdia que os srs. padeiros nos impingem, atribuindo as culpas á moagem, esta ao



governo, este ao etc., n'uma especie de *scie*, como a do gato que papa o rato, que roe o cebo, que unta a corda, que amarra a bota...

Ora, ou ha-de haver moralidade, ou comemos todos. Nós temos até hoje fugido a ser deputados, ministros, ou qualquer coisa d'estas; mas a continuar a excepção alimenticia, na primeira candidatura pomos o assento n'uma cadeira de S. Bento e não a abandonamos senão depois de estarmos fartos de pão alvo.

Aí fica a ameaça, precursora de factos mais graves.

## A's avessas

Sabem a ultima novidade sobre instrução secundaria? Consiste no seguinte: um rapazinho dos liceus fica reprovado em certo numero de cadeiras... e é como se ficasse aprovado, porque os parlamentares assim o determinaram.

Parece estranho, á primeira vistas,



mas afinal é um novo e luminosissimo horizonte que se abre á instrução publica, acabando com velharias de estudo, applicação, aprovações e outras banalidades.

O que os pais, de futuro, teem a recomendar aos pequenos é—que não estudem, que façam o possivel para que os reprovem. Assim mostrarão

verdadeira intelligencia e não pelo meio, extremamente facil, de estudarem as suas lições. Estudar, não ha nada mais facil; passar, porém, um ano, sem ter a curiosidade de abrir um livro, de entrar n'uma aula, de ouvir uma preleção do lente—eis o que mostra da parte do rapaz excepcional força de vontade e predominio sobre os instintos naturais de saber e de aprender.

Lembram-se da anedota do velho *Patagonia*, professor de latim no liceu de Coimbra? Um rapaz teve a energia sufficiente para nem lêr as declinações, mas nas proximidades de exame, sabendo que o *Patagonia* dava o cavaquinho por que os seus alunos seguissem a carreira eclesiastica, dirigiu-se a este e declarou:

—Meu pai quer que eu seja padre.

—E depois?

—Depois... se eu ficar aprovado no exame de latim, não terei remedio senão ir para teologia.

—Que mais?

—Venho pedir a vossa reverendissima que me reprove.

—Ora essa!

—Sim senhor; se me reprovarem, meu pai julga-me incompativel com o latim e eu não vou para padre.

Estão vossorias a vêr o resto. O estudante fartou-se de dizer asneiras no exame, ás quais o *Patagonia* observava:

—Bem sei; o que tu queres é não ir para padre, mas has de ir.

E aprovou-o.

Hoje não são precisos estes expedientes, nem surtiram efeito, mesmo que o queno ficasse *chumbado* porque ia para padre, que era um regalo!

DE FÓRA

A serio  
Quadras soltas

Tenho ciúmes d'aquela  
A quem tratas com desdem.  
Dizes-me tanto mal d'ela...  
Por força lhe queres bem.

Vaes casar-te. bem o sei,  
Folgo não seja comigo,  
Se acaso te molestei  
A outra coube o castigo.

Chamaste-me endiabrada,  
Mas na minha travessura  
Ha muita dôr disfarçada,  
Muito riso d'amargura.

Quando o meu olhar te viu,  
Meu coração palpitou.  
Telegrafia sem fio  
De nossas almas, falou.

Podemos viver cem anos  
E tu mil vezes trair-me;  
Que importam os desenganos  
Ao meu amor sempre firme?

O teu sensual amor  
Não é amor, é capricho.  
Dura a vida d'uma flôr  
E... vae no carro do lixo.

Ana.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Indultrada Zefa:

Lansso mais uma vez mão da penna á uma pur nan cer alleijado grassas a deus pra cempre á oitra pra te dezer algumas palavras a respêto das ultemas pessas de triatro que tanho visto i oivido i vem a cer a *Fédora* (cando leres carrega nu é cando não fica a palavra mal xeirosa) i mal us *Muinhos que cantam*, a prumera nu triato Nacional i a cigunda nu S. Luiz.

O's pois aí vai a minha imperinção. Cumo a *Fédora* já se arrepersintou á muntos anus nan val a penna istar agora cum inquisitices a respêto da tardusão; có te dezerei que u titlo para istar derêto devia cer *Feodora*, a nan ce crer tarduzir du ruço, purque intão era *Tiodora*, nem mais nem menos, mas cumo us franzezes le xamavam *Fedora*, nós cá xamamosle tambem açim i já munto favor ce le fês em us atores nan pornunciarem *Fédorá*, á franzeza, cumo questumam. Adiente cum a por-sissão.

Agora vou dezerte ca prumera peçoa que meresse apelausos nu desimpenho da pessa é a mudista da sr.<sup>a</sup> D. Palmira Bastos; cim cinhora, aquillo é que é çaber bem u ceu papel i nan



ulhar a despezas! Cuatro fatiotas nim menos i toudas ellas i peras, a valler có uma mais maça que toudos us paramentos du noço prior! A ceguir gus-tei munto da ditta sr.<sup>a</sup> D. Palmira, na intrepertassão da ruça, que dantes istava apaichonada pello sr. Brazão i agora, cumo este istá velho, ce apaichonou pello sr. Rafael Marques. Que ingartidão, minha Zefa! Olha, cá pur mim, ce nan foce ome i foce a ela entre us dois aindas oje nan isitava; atiravame ó sr. Brazão i deixava lá u sr. Rafael prantare a xurar pella mã i pello mano. O que ue aindas inté oje nan presebi é que diaxo de veneno é aquele cum que a purtagunista ce mata i que nan le fás difrensa nenhuma á voz nim ó carátel du rosto. Imfin, ella lá çabe i, nan valle a penna pençar niço purque a sr.<sup>a</sup> D. Palmira ós pois de u tumar raçucitou touda lampeira pra arresseber uma cumição de cinhoras

## EM FOCO

## Gavicho de Lacerda



*O que este cidadão, sabio Gavicho, Escreve das colonias africanas Excede em muito as previsões humanas, E' mais que erudição pois é capricho.*

*Não ha rio, nem planta, pedra ou bicho Que não conheço a fundo, sem lampanas, Lá nessas regiões onde as bananas Abundam mais do que entre nós o lixo.*

*Vê-se que não ha terras que mais ame, Nem esta, onde viceja a violeta E anda de perna á vela o pequenome.*

*Aquilo, se calhar (desculpe a treta,) E' caso de dizer «cherchez la femme» Ou antes, de dizer «cherchez la preta»!*

BELMIRO

das nossas classias mais infriores (as classias supriores ção cumo çabes as dus varredoures das ruas, etc.) i oivir um çoneto toudo triques lariques da sr.<sup>a</sup> D. Culassa, muntos prabens i tal sin cinhores u que le cósou munta imperção i a fês xurar in barda, isto é, nan cei ce ella xurou pela manefistassão ce pur cósa da conta da mudista mas purvavelmente nan foi pur cósa d'esta purque ce calhar quem a paga é a impreza. Cá me açosiei tamem ós apelausos in nome da rapaziada de Peras Ruivas i inté dei um bejo na sr.<sup>a</sup> D. Palmira mas nan tanhas siumeira purque foi na mão i ela nan decha que ceja n'outro sitio.

Agora canto ós *Muinhos* ção caxe toudos ulandezes cunforme avisavam us cartazes, uma museca munto orjinal ubrigada u acompanhamento de tamanços i questumes tamem munto orjinais a çaber: a dansa de roda do *Ladrãozinho cagora introu*, u jogo do paulito, a cabessa de truco da fêra d'Alcantra i um mastro cum um quejo in riba toudo incarnado que era infetivelmente a coisa mais felamenga de touda a pessa. Nan te fallo nu desimpenho purque esta carta já istá du tamanho da legoa da povua i cumo nu *Século Comico* pagam a um tanto a linha nan quero a ruinar a impreza. Intão adeos inté ó feturo ce nan murrer brebe cum um isalfamento pur cósa da grevia dos inletricos ou arrebitado cum u pão du tipo úneco i tão úneco que nan á in toudo u mundo purcaria mais indessente.

Soidades a quem pur mim préguntar bejos ós noços piquenos i nunca te isqueças de alimbransas minhas ós bários que ó tempo que us nan veijo já devem istar uns omesinhos.

Teu inceparavle marido cempre fixe

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

## Sem luz

Sabe-se que uma noite d'estas o Fausto — o doutor allenão, não o outro — que devia morrer, ali pela meia noite, no palco do Coliseu, não pôde faze-lo, porque a isso se opoz a autoridade, ordenando que terminasse o espectáculo, para se não consumir luz inutilmente. Teve muita razão a dita autoridade; se toda a gente conhecia o final da opera, para que diabo haviam de representa-lo?

Agora, o que se nos afigurava conveniente era providenciar, para peças cujo final o publico ainda não conheça e que, pela sua extensão, se não possam condensar de modo a terminar antes da meia noite.

Acodem-nos varios alvytres, para resolver a questão:

1.º — Os espectadores irem para o



teatro munidos de fosforos e acendelos na altura propria.

2.º — Começarem-se as peças pelo fim. D'essa maneira ainda que se lhes suprimisse o começo, o transtorno não seria de maior, visto que as primeiras scenas são quasi sempre de simples exposição.

3.º — Representar-se só em *malinées*.

4.º — Não se representar o ultimo acto, sendo substituido por uma exposição, em que qualquer artista o descrevesse.

Se o leitor tem alguma ideia nova sobre o assunto, tenha a bondade de no-la remeter, urgentemente.

# REMEDIO EFICAZ



Entre amigas:

— Tu já à passear! Julguei que teu marido estava à morte...

— Esteve, mas como pertence a uma associação de socorros e os médicos mutualistas estão em grêve, entrou já em convalescença...